



FIGURATIVIZAÇÃO E TEMATIZAÇÃO EM UMA TIRA *ARMANDINHO*, DE ALEXANDRE BECK

José Ignacio Ribeiro Marinho – UFJF¹, Eber Fernandes de Almeida Júnior – UFF/Cederj², Erika Costa Clemente de Mattos – UFF/Cederj³, Juliano Ferreira de Mattos – UFF/Cederj⁴

Resumo: De forma concisa, à luz de revisão de literatura, apresentamos, neste artigo, uma análise de uma tira em quadrinhos, de Alexandre Beck, cartunista e ilustrador catarinense, extraída do livro *Armandinho Quatorze*, também publicada nas redes sociais digitais monitoradas por Beck (*Facebook* e *Instagram*). O objetivo geral da presente pesquisa ancora-se em dois conceitos presentes na semiótica discursiva: a figurativização e a tematização. Neste trabalho, baseando-nos na tira em quadrinhos selecionada, observamos como se procede os dois conceitos supracitados. Para tanto, teórico-metodologicamente, recorreremos aos estudos de Ramos (2017), no que concerne ao gênero textual tiras em quadrinhos; no que tange à figurativização e à tematização, valemo-nos das teorias de Fiorin (2016).

Palavras-chave: Quadrinhos; Tiras; *Armandinho*; Figurativização; Tematização

1. Introdução

Concernente ao sistema dos quadrinhos, transitando entre os universos artístico-literário e o jornalístico-midiático, atualmente, o gênero textual tira em quadrinhos encontra-se em diversos suportes, sejam impressos ou virtuais.

Nas tiras em quadrinhos, deparamo-nos com as *kid strips*, protagonizadas por personagens infantis. Nesse contexto, em 2009, surge a personagem Armandinho, do cartunista e ilustrador catarinense Alexandre Beck.

¹ Mestre em Letras, pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Especialista em Letras, pelo Centro Universitário São José de Itaperuna. Graduado em Letras, pelo Centro Universitário São José de Itaperuna. Professor de Língua Portuguesa nas prefeituras de Cambuci/RJ e de Itaperuna/RJ. Tutor presencial de Latim Genérico, Literatura Brasileira II, Literatura Brasileira III e Português IV, no curso de Letras EaD, da Universidade Federal Fluminense, na Fundação Cecierj/Cederj.

² Graduando em Letras, pela Universidade Fluminense.

³ Bacharel em Direito, pela Universidade Nova Iguaçu. Especialista em Previdenciário com capacitação para o Ensino no Magistério Superior, pela Faculdade de Direito Professor Damásio de Jesus. Graduanda em Letras, pela Universidade Fluminense.

⁴ Bacharel em Direito, pela Universidade Nova Iguaçu. Graduando em Letras, pela Universidade Fluminense.

* XIV Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online – Novembro / 2020.



Esta pesquisa aborda uma das publicações de Beck, tanto no livro *Armandinho Quatorze* quanto em suas redes sociais (*Facebook* e *Instagram*), que, polêmicas, sofreram censura à época da publicação por parte da Brigada Militar do Rio Grande do Sul. Nesse *corpus*, à luz da semiótica discursiva, tal como proposta por Algirdas Julius Greimas, analisamos os conceitos de figurativização e de tematização. Ainda, recorreremos, sobremaneira, a Paulo Ramos (2017) e a Fiorin (2016).

2. Tiras em quadrinhos: conceito, história e linguagem

As tiras em quadrinhos, conhecidas popularmente por tirinhas, fazem parte do sistema dos quadrinhos. Subdividem-se, diversamente, em tira de humor, tira de jornal, tira diária, tira seriada, *kid strips* (objeto de análise neste trabalho) etc.

Trata-se de um gênero híbrido, pois se encontram na interseção do artístico-literário e do jornalístico-midiático, bem como texto sincrético, que articula mais de uma forma de linguagem na sua construção, a saber: textos verbais e visuais (imagens).

Ao cotejar verbetes de dicionários, Ramos (2017) demonstra que o formato das tiras não se limita ao segmento horizontal com três ou quatro quadros, assim, definindo-a:

Pode-se dizer que a tira é um formato utilizado para veiculação de histórias em quadrinhos em suportes e mídias impressos e digitais. Esse molde pode ser apresentado de variadas maneiras: no tradicional, o mais comum, composto de uma faixa retangular horizontal ou vertical; no equivalente a duas, três ou mais tiras; quadrado, adaptado. O número de quadrinhos também é variável: a história pode ser condensada em um quadro só ou então ser narrada em várias cenas, de forma mais longa [...] (RAMOS, 2017, p. 31).

O formato (número de quadros e disposição) por si só não define as tiras, devendo recorrer a seu conteúdo, condições de produção, circulação e rotulação.

Conforme Duarte (2018), a origem das tiras (e das *kid strips*) remonta à publicação, ainda rudimentar, de uma obra de 1865, do alemão Wilhelm Busch, intitulada *Max und Moritz*. Seguidamente, foi publicado, em 1895, *The Yellow Kid*, pelo artista Richard Outcault, em periódicos sensacionalistas de Nova Iorque.

Produzidas para jornais e, posteriormente, para mídias digitais, as tiras possuem alcance privilegiado: um vínculo social com as emergências do cotidiano. Por exemplo, temas sócio-políticos, como abordados por Alexandre Beck em suas tiras *Armandinho*, temas que se articulam muito bem a elementos característicos de sua linguagem, como economia narrativa, enquadramento e iconicidade. Além disso, joga-se com figuras de linguagem (analogias e metáforas, em especial), balões de fala e de pensamento, o enquadramento fundido ao verbal, como na tira seguinte:



Imagem 1 – Tira em quadrinhos *Armandinho* Quatorze - Fonte: Beck (2019, p. 77).

O exemplo extraído de *Armandinho* Quatorze trata-se de uma *kid strip*, que figura questões pertencentes ao público adulto e é caracterizada por uma economia narrativa. A iconicidade comparece no temor da personagem preta, Camilo, em relação à figura policial, representada pelos membros inferiores, o que reforça o ponto de vista infantil e demonstra distanciamento entre crianças e adultos.

3. Análise discursiva da tematização e da figurativização em *Armandinho*

Como foi dito, *Armandinho* toma forma em textos sincréticos (linguagem verbo-visual), em acabamento simples – dado que permite pensá-lo em sua especificidade estrutural com maior manejo. Entretanto, se sua estrutura é simples, sua constituição sócio-histórica não o é: discursivamente, ela é da ordem do acontecimento.

Primeiramente, faz-se necessário expor o projeto teórico greimasiano, a semiótica discursiva, com o intuito de observar a construção do sentido – na “forma do conteúdo”, segundo a terminologia hjelmsleviana – a partir da estrutura textual. Em



seguida, será enfatizado o nível mais concreto dos sentidos, construídos na *Imagem 1* pelas noções de tema e de figura.

Consoante Fiorin (2016), por meio de um coeficiente sintáxico (eixo horizontal), o sentido se constrói em níveis (eixo vertical), do mais abstrato e geral ao mais concreto e específico, o que recebeu a denominação de “percurso gerativo de sentido” – este é constituído gradualmente pelos níveis fundamental, narrativo e discursivo. Cada um destes níveis possui invariantes combinatórias (componente sintáxico) de carácter conceitual, relativamente autônomas quanto aos investimentos semântico-discursivos (componente semântico) que recebem.

No nível fundamental, há uma oposição semântica elementar e operações de negação e de asserção. Na imagem 1, tem-se a oposição entre os termos (a) “segurança” e (b) “perigo”, que constrói o texto a partir do contrário do primeiro, isto é, “não segurança”. No primeiro quadro afirma-se (a); no segundo, nega-se (a); no último, afirma-se (b). A negação de (b) fica como da ordem do impossível.

No nível narrativo, há enunciados de estado, que realizam junções entre sujeitos e objetos, e enunciados de fazer, isto é, aqueles que operam transformações de estado (disjunção, se o sujeito não se encontra com o objeto, e conjunção, se ele se encontra com o objeto). Há a possibilidade, deste modo, de duas “narrativas mínimas: a de privação e a de liquidação de uma privação” (FIORIN, 2016, p. 28). Na tirinha tomada como exemplo, há a afirmação da conjunção da personagem Camilo com a “segurança”, concretizada pelo querer realizar a ação proposta pela personagem Armandinho, que, em seguida, é negada pela presença de um terceiro sujeito no campo de visão de Camilo, causa da privação deste com o objeto “vontade” por intermédio da intimidação e revelado no terceiro quadro. A performance pressuposta não se realiza. Passa-se a um programa narrativo de “sobrevivência” devido à precaução.

Um breve retorno à semântica do nível fundamental poderá afirmar com maior precisão – a partir deste ponto – quais os valores, eufórico e disfórico, são construídos pelo texto. Se há privação com o objeto “vontade”, representação do elemento semântico “segurança” do nível narrativo, ela é significada euforicamente e seu



oposto, “perigo”, disforicamente, ou seja, negativamente. O par semântico elementar poderia ser seu avesso, “segurança” poderia ter valor negativo noutro texto, por exemplo, uma charge que criticasse privilégios sociopolíticos.

No nível discursivo, o componente semântico se faz por meio de temas e de figuras em um “*continuum* em que se vai, de maneira gradual, do mais abstrato ao mais concreto” (FIORIN, 2016, p. 91). Ainda, conforme Fiorin (2016, p. 91), é preciso ter em mente que:

quando se diz que a figura remete ao mundo natural, pensa-se não só no mundo natural efetivamente existente, mas também no mundo construído. [...] Tema é um investimento semântico, de natureza puramente conceptual, que não remete ao mundo natural.

Consequentemente, pode-se dizer que há textos temáticos sem a presença de figuras; o contrário, porém, não é possível afirmar. Assim, a todo texto figurativo subjazem temas, esquemas temáticos ou tematizações revestidos por figuras. Na *Imagem 1*, as figuras presentes no corpo verbal e na linguagem imagética dão concretude a temas específicos do domínio cultural, que apenas um exame atento ao exterior do texto, isto é, o discursivo, pode revelar precisamente. As figuras centrais são a fala da personagem Camilo (“não posso correr agora”, “pra mim, não é seguro”), os traços e cores dos corpos do interlocutor preto e do interlocutário branco e a imagem fardada da cintura para baixo de um policial, representação da coerção ideológica e repressiva da cultura de uma sociedade contraditória, dado que, se relacionada às figuras levantadas, os temas que se insurgem são, basicamente, “racismo”, “desigualdade”, “preconceito”, “violência” etc., que poderiam ser tratados por trabalhos filosóficos com outras figuras ou sem estas.

Após percorrer o percurso gerativo de sentido, residualmente, novos pares opositivos aparecem: /privilégio/ X /desigualdade/ ou /justiça/ X /violência/; os sujeitos narrativos, na figura de crianças, têm seu acordo comum rompido por um antisujeito coercitivo, concretizado pela figura policial – possivelmente, representação do tema do policiamento das identidades.

Na enunciação, além dos enunciados, o contexto sociopolítico fala nestes com toda sua força. As tiras *Armandinho* são produto de um processo histórico-discursivo em



que figuras e temas se relacionam a partir do texto e de sua estrutura. O tema “desigualdade”, por exemplo, poderia ser concretizado pelas figuras do homem e da mulher; a figura do negro poderia ser a concretização de temas como a “negritude”, “liberdade”, “riqueza cultural” ou, ainda, “infância”.

4. Conclusão

As tiras em quadrinhos *Armandinho*, concebidas por Alexandre Beck, apresentam clara identificação a temas ligados diretamente ao social e, sobretudo, ao político. Na figura de crianças, a voz do bom senso sobressai-se à da torpeza, da ignorância, ou da simples indiferença, concretizadas por figuras adultas, representação do mundo alienado das naturalidades e das normalidades. Os conceitos de temas e de figuras esmiúçam como o discursivo penetra nas virtualidades textuais.

Viu-se que sem levar em conta, pois, o condicionamento ideológico dos sujeitos na sociedade, o texto não pode ser entendido em globalidade, sua significação estrutural atravança no limiar do acontecimento. Através de linguagem verbo-visual, mostrou-se possível concretizar temas caros a outros gêneros discursivos. Figuras e temas se configuram apenas em conjunto de modo relacional ao contexto de produção.

Referências

BECK, Alexandre. **Armandinho Quatorze**. 1ª ed. Florianópolis, SC: A. C. Beck, 2019.

FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. 15ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.

RAMOS, Paulo. **Tiras no Ensino**. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

DUARTE, Renan Silva. **Quadrinhos é coisa de criança: Considerações sobre um equívoco desimportante**. V. 1 N. 8 (2018): DOSSIÊ: HISTÓRIAS EM QUADRINHOS. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/literartes/article/view/137828>>. Acesso em: 24 set. 2020.